



ARTIGOS/ENSAIOS**BRASÍLIA: UMA OBRA DE ARTE
QUE SE RECONSTRÓI**

Se “Brasília é, na essência, uma obra de arte que se constrói”¹, como afirmou Mário Pedrosa, após o sinistro domingo que promoveu a destruição de parte do patrimônio público artístico e arquitetônico da capital, vemos que são as ruínas que mobilizam a reconstrução executada por um mutirão de servidores públicos de diversos órgãos, além daqueles pertencentes às instituições atacadas diretamente.

**ANA AVELAR
ABCA/DISTRITO FEDERAL
IGOR WALTER**

O ano de 2023 começou com a posse de um governo a favor da cultura. Aos festejos desse marco histórico em 1º de janeiro, seguiu-se, uma semana depois, a invasão e depredação dos edifícios-monumentos da Praça dos Três Poderes que, além de serem as sedes do Executivo, Legislativo e Judiciário, constituem patrimônio cultural da humanidade, tombados pela UNESCO. Como escreveu a artista e professora Giselle Beiguelman na Ilustríssima, em 15 de janeiro, “atacar as obras de arte revela o desprezo e o ódio contra a cultura.”²

O crítico Mário Pedrosa dizia que Brasília é “uma obra de arte coletiva”³, por ocasião do Congresso de Críticos sediado na capital antes de sua inauguração, em 1959. Nesse sentido, o ano de 2022 foi de construção da coletividade, uma vez que a cena artística da cidade esteve repleta de eventos de resistência a uma política nacional avessa à cultura e de parcerias que permitiram sua sobrevivência. Com a reabertura dos espaços museais após



Você consegue sentir o peso de seus ossos?, de Rodrigo Sassi, exposta no MuN. Jean Peixoto/acervo pessoal do artista.

o término das interdições causadas pela pandemia de COVID-19, essa intensa agenda fez reviver o circuito local. Também contribuiu a liberação de recursos do governo distrital que estavam represados até então.

Neste texto, o foco será sobretudo os museus do Plano Piloto, que resistiram à precarização dos aparelhos públicos locais, arejando o circuito artístico. Porém, não pretendemos elaborar um levantamento exaustivo de todos os eventos promovidos, até porque o acesso aos registros apresenta lacunas devido às suspensões da divulgação durante o período eleitoral.

Ao abordarmos o Museu Nacional da República (MuN), consolidado pelos quinze anos de existência celebrados em dezembro de 2021, com visita altíssima, um fundamental aparelho cultural na área central da cidade, é possível lembrar de um corpo sólido de exposições que ocuparam o espaço durante todo o ano, sob a direção ousada, atenta e segura de Sara Seilert.

Em fevereiro de 2022, o Museu

Nacional lançou um edital para curadores por meio de acordo de cooperação técnica com a Organização das Nações Unidas para a Ciência, a Educação e a Cultura (UNESCO), nas palavras da diretora *“partindo da premissa de que o acervo do Museu é uma questão pública de interesse coletivo, que merece ser pesquisado, analisado criticamente e estar cada vez mais aberto e acessível (...) queremos consolidar nosso Programa de Pesquisa como um dos pilares para o cumprimento de nossa função social”*⁴.

A seleção das curadoras-pesquisadoras proporcionou a mostra *“Aqui estou - corpo, paisagem e política”*, de Sabrina Moura, curadora estabelecida em Natal, apresentando um conjunto de mais de cinquenta obras no mezanino do MuN. O título da exposição foi dado a partir da obra de Ralph Gehre – sul-mato-grossense radicado em Brasília desde 1962, cuja trajetória também é parte da história de artistas migrantes que compõem o cenário da cidade.

Segundo Moura, na exposição, a

decolonialidade é método mais do que conceito: *“a noção de curadoria decolonial tem sido corrente em diversas exposições no Brasil e ao redor do mundo, buscando desconstruir os gestos de poder que estruturam as instituições de arte e suas coleções. Contudo, é preciso tomar cuidado para não se perder nos usos difusos e imprecisos do termo. Sobretudo quando se trata de um acervo jovem, inscrito num MUSEU que se ergue à sombra de seu idealizador, Oscar Niemeyer, e sobre uma suposta tabula rasa”*⁵. Em 2023, será a vez de vermos a exposição proposta pela outra selecionada, Fernanda Lopes, estabelecida no Rio de Janeiro.

Também chamam atenção as individuais de jovens artistas que atuam em Brasília como Pedro Gandra e Isabela Couto, realizadas de forma independente, e da artista em início de carreira, Azul Rodrigues, cuja individual de desenhos e vídeo-performances se realizou por meio de uma parceria estratégica entre instituição e galerias para superar os desafios orçamentários do Museu.

Este também foi o caso de tantas outras exposições, a individual de Raquel Nava, também de Brasília, em sua potência insólita de taxidermias e materiais industrializados, com curadoria de Fabricia Jordão. A maior individual de Rodrigo Sassi, de São Paulo, reunindo cerca de 30 obras tridimensionais, sendo dez inéditas, com apoio da Central Galeria, estendeu-se até março. Ponto de partida na discussão de processos da construção civil, a obra de Sassi dialoga com o entorno do MuN, desde a arquitetura do próprio museu e do Plano Piloto até a arquitetura espontânea da cidade ampliada. Dessa mostra, derivou-se uma doação ao MuN, contribuindo assim para a ampliação desse importante acervo.

O arranjo de parcerias entre galerias e o espaço museal também possibilitou a realização de algumas exposições coletivas como Xingu 57, de fotos e documentos das expedições de Domiciano Pereira de Souza Dias, cientista que, na companhia do sertanista Orlando Villas Bôas, percorreu e documentou as regiões onde mais tarde viria a se criar o Parque



Vista da exposição “Modernismo Expandido” na galeria principal do MuN. Divulgação/MuN.

Indígena do Xingu, com produção da Galeria Oto Reifschneider.

Da mesma ordem, uma parceria com a Galeria Almeida e Dale propiciou a necessária exposição “Ilê Funfun”, individual de Rubem Valentim em homenagem ao seu centenário. Na área principal do mezanino do MuN, o Templo de Oxalá, exposição de um conjunto com vinte esculturas e dez relevos do artista, permitiu ao público uma imersão nas obras doadas ao MAM-BA em 1997, cuja montagem foi cuidadosa a ponto de contar com oferendas ao orixá. A curadoria apresentou ainda telas inacabadas, mobiliário e ferramentas do artista agrupados no núcleo “ateliê”, além de uma vasta coleção de obras e documentos, que fazem parte do acervo do Museu de Arte de Brasília. No título da exposição, “Ilê” significa casa e terreiro, o templo sagrado de culto aos Orixás, e “Funfun”, a cor branca, que predomina nas obras em referência ao orixá Oxalá, também característica das vestimentas de seus devotos, encerrando, portanto, o nome “Casa Branca” em referência à religiosidade do artista e sua

pesquisa de décadas.

Também cabe mencionar a coletiva “para onde foi a espessura da carne”, que reuniu 41 artistas de diversas regiões do Brasil e do exterior: Argentina, Cuba, Inglaterra, México e Venezuela, curada por Suyan de Mattos com textos de Gisele Lima.

Necessária sincronia com o centenário da Semana de 1922 foi a realização da exposição “Modernismo Expandido”, na qual era possível observar a riqueza de produções modernistas fora do eixo hegemônico Rio - São Paulo. Financiado pelo Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), nas palavras da curadora Denise Mattar: se *“propôs uma visão mais ampla do Modernismo brasileiro a partir de 1930 até a década de 1950 e, por vezes, extrapolando esse período temporal para estabelecer conexões entre artistas e regiões [...] chamando a atenção para os processos excludentes decorrentes da centralização cultural.”*⁶

A exposição coletiva “Na Luta na Lata” trouxe de fora do circuito hegemônico local para o Museu as obras de um

coletivo de artistas do graffiti, um movimento já percorrido por outros artistas de rua, a exemplo de Os Gêmeos, para citar exposição recente que passou pela Pinacoteca do Estado de São Paulo e pelo Museu de Arte Contemporânea de Curitiba - MAC/PR. A efervescência que se observava na recepção dos artistas - Alberto Pereira, Bella, Bruno Pastore, Cacá Fonseca, Cláudio “Ise” Duarte, Diego Aliados, Djan “Cripta” Ivson com Circulo Forte Brasil, Marcus “Enivo” Vinícius Teixeira Ramos da Silva, Fefé Talavera, Felipe Risada / Os Mais Chave, Mag Magrela, Mundano, Martha Cooper, Alex “Onesto” Hornest com Andy Hope e Cusco Rebel e Walter “Tinho” Tada Nomura - por parte do público mostra a força da coletividade no meio urbano, essencial para a reconstrução da capital, sobretudo depois dos últimos eventos.

No apagar das luzes de 2022, abriu-se uma individual de Antonio Poteiro curada por Divino Sobral, ambos goianos, oferecendo uma diretriz do centro-oeste a partir das artes populares em conversa com a esfera contemporânea.



Peças desenhadas e confeccionadas por Sérgio Rodrigues para a inauguração da UnB em 1962. Divulgação/MAB.

Ainda no final do ano, um encontro e exposição de arte e tecnologia de cunho acadêmico, parceria tradicional entre o Museu e a Universidade de Brasília, contou com a apresentação de obras criadas por meio de artefatos variados, desde obras nato-digitais a experiências multissensoriais de realidade virtual, passando por bioarte e arte eletrônica.

De certa forma, essa exposição dialoga com a “Segue em Anexo”, a primeira de arte digital realizada pelo MuN que passa agora a constituir a coleção Artemídiamuseu, reunindo obras de Giselle Beiguelman, Vitória Cribb e Bruno Kowalski. Online ao longo de todo o ano de 2022, promoveu também parcerias com centros culturais da Grande Brasília, como o Centro Cultural de Planaltina, de Samambaia e de Ceilândia, expandindo o alcance do Museu para além do Plano Piloto.

Se a arte ficou mais digital com a pandemia, soa natural que o digital venha para o Museu depois do seu arrefecimento. O diálogo proporcionado pela exposição, cujas obras foram incorporadas

à coleção do Museu, abre um novo eixo de apreciação e discussão de arte contemporânea na qual se viu o deslocamento da arte digital para o centro do sistema artístico nos últimos anos. Sem dúvida, fica a pergunta sobre o futuro dos museus em relação à “tokenização” de obras de arte, a cripto arte e o metaverso. Em geral, procurar reproduzir o espaço museal em um espaço virtual à sua semelhança resulta um tanto limitado em termos de percepção das obras. Por outro lado, a possibilidade de visitar um museu a distância - como agora é possível ao MuN - permite que o público transcenda barreiras geográficas, mas também simbólicas, entendendo que o acesso ao museu não depende apenas de deslocamentos físicos.

O Museu de Arte de Brasília (MAB) também voltou a compor o cenário artístico da capital, reinaugurado, em 2021, depois de um longo e conturbado período de reformas com episódios de paralisações das obras por cerca de quatorze anos. A história do MAB conta haver o projeto para um museu de arte na nova capital durante

a construção da cidade. Entretanto, o projeto nunca se efetivou. De fato, o MAB só passou a existir décadas depois da inauguração da capital, em 1985, no prédio do antigo Anexo do Brasília Palace Hotel ao ser cedido à Secretaria de Cultura do Distrito Federal. Possuindo acervo de arte moderna e contemporânea proveniente de doações e prêmios de salões locais e nacionais, trata-se de um museu voltado principalmente para o circuito local mas, não obstante, com uma coleção de interesse nacional.

Embora o Museu ainda não conte com uma expografia à altura de sua coleção diante do desafio orçamentário, a exposição permanente do acervo - que salta aos olhos! - revelou obras por muito tempo esquecidas. Conta com exemplares admiráveis de Ana Maria Tavares, Anna Bella Geiger, Antonio Henrique Amaral, Antônio Poteiro, Arcangelo Ianneli, Beatriz Milhazes, Conceição dos Bugres, Emanuel Araújo, Iberê Camargo, Leda Catunda, Lygia Pape, Roberto Burle Marx, Rubem Valentim, Tunga, Alfredo Volpi, entre outros e outras.

Diante da vocação de museu voltado à comunidade local, o MAB recebeu exposições apoiadas pelo edital de chamamento público do Fundo de Apoio à Cultura da Secretaria de Cultura do Distrito Federal (FAC-DF). Tal estratégia garantiu variedade e assiduidade para o programa de exposições, contemplando ainda a qualidade dos eventos. Entre aqueles que devem ser mencionados, a mostra “Sérgio Rodrigues e o mobiliário moderno da Universidade de Brasília”, com curadoria de José Airton Costa Júnior, demonstrou a relevância do design para a implantação da capital por meio da criação de móveis originais para a UnB, que hoje pode soar como uma premonição dos atos de destruição do mobiliário assinado – pelos quais não esperávamos em 2023. A exposição coletiva “um dia abri os olhos e era Brasília”, com curadoria desta autora e assistência de Renata Reis, mostrou três artistas nascidos numa cidade paralela à capital federal da utopia modernista, entre fins dos anos 1980 e 1990. Na Brasília atual, do entorno do Plano, não se nutre o entusiasmo que povoou

o período de inauguração, dada sua realidade complexa social, urbana, simbólica e política. Cecilia Lima, Gustavo Silvamaral e João Trevisan se apropriam de materiais e símbolos coletados na própria cidade revelando não apenas as ruínas – observadas por Clarice Lispector –, mas também tantas outras narrativas possíveis para um moderno que se mostrou excludente e exclusivista.

Se “Brasília é, na essência, uma obra de arte que se constrói”⁷, como afirmou Mário Pedrosa, após o sinistro domingo que promoveu a destruição de parte do patrimônio público artístico e arquitetônico da capital, vemos que são as ruínas que mobilizam a reconstrução executada por um mutirão de servidores públicos de diversos órgãos, além daqueles pertencentes às instituições atacadas diretamente. Em 2023, para salvaguardar o patrimônio, arregaçam-se as mangas.

Nesse sentido, é ainda digno de nota que a escultura instalada em frente ao MAB seja a “Homenagem à Democracia”, 1958/1989, de Franz

Weissmann, indicando a direção a ser seguida pelas instituições públicas no ano que começa.

NOTAS

1 PEDROSA, Mário. “Brasília, a cidade nova”. Em: Dos Murais de Portinari aos Espaços de Brasília. Organização Aracy Amaral. São Paulo: Perspectiva, 1981, p.346.

2 BEIGUELMAN, Giselle. Ataque a obras de arte revela ódio de golpistas contra a cultura. Folha de São Paulo, ano 103, nº 34.283, 15 jan. 2023, Ilustríssima, s.p.

3 PEDROSA, Mário. “Cidade nova, síntese das artes”. Em: Dos Murais de Portinari aos Espaços de Brasília. Organização Aracy Amaral. São Paulo: Perspectiva, 1981, p.356.

4 @museunacionaldarepublica. 2022. “Chamada aberta - consultoria remunerada”. Instagram, 8 fev.2022.

5 @museunacionaldarepublica. 2022. “AQUI ESTOU – Corpo, paisagem e política no acervo do Museu Nacional da República”. Instagram, 20 nov., 2022.

6 @museunacionaldarepublica. 2022. “Modernismo Expandido”. Instagram, 2 nov., 2022.

7 PEDROSA, Mário. “Brasília, a

cidade nova”. Em: Dos Murais de Portinari aos Espaços de Brasília. Organização Aracy Amaral. São Paulo: Perspectiva, 1981, p.346.

ANA AVELAR

Ana Avelar é professora de Teoria, Crítica e História da Arte, na Universidade de Brasília (UnB). Realiza exposições e participa de júris regularmente. É coordenadora do Grupo de Pesquisa Academia de Curadoria.

IGOR WALTER

Igor Walter é engenheiro de computação e graduando de Teoria Crítica e História da Arte (TCHA) pela UnB. É fundador da Cripto Galeria.